

Prólogo

BILLIE

DEZ ANOS ANTES

Luzes piscam ao meu redor, forçando-me a tapar os olhos com o antebraço. Ainda consigo ouvir o estalido das lâmpadas das câmaras à medida que avanço. A vibração dos corpos é opressiva. Ameaçam cercar-me por todos os lados.

Só preciso de chegar ao carro.

—Wilhelmina! Wilhelmina!

Movo-me mais depressa, colidindo contra os seguranças enquanto abro caminho às cegas em direção à limusina que me aguarda, um farol onde poderei finalmente relaxar. Onde posso deixar cair a fachada, enterrar a cabeça nas mãos e chorar.

Vejo a porta aberta que me convida a deslizar para o interior e fugir.

Estou tão perto.

Há algo que me empurra o ombro e sinto o metal frio e texturizado encostado aos lábios. Baixando o braço, enfrento uns olhos ávidos e uns dentes demasiado brancos.

—Wilhelmina, pode dizer-nos se viu os vídeos do seu pai?

Tudo o que oiço é o bater constante do coração a palpar-me nos ouvidos. Sinto-me quase feroz na necessidade de desaparecer no carro à minha espera. No que consigo ver logo a seguir ao perfeitamente arranjado cabelo louro.

Estou a funcionar por instinto. É luta ou fuga, agora.
Tudo o que oiço são arquejos quando olho para a câmara e digo:
— E se se fossem foder?
Escolho *luta*.

Capítulo 1

VAUGHN

Gemo, enterrando a cabeça nas mãos, derrotado.
— Jesus Cristo.

Os *e-mails* não param de chegar. Os jornalistas inquiridores. As perguntas intermináveis.

Todos os dias, passo horas sentado a esta secretária, a ouvir o tinido incessante de mensagens a entrar enquanto viro o escritório do meu avô do avesso à procura de *qualquer coisa*. Perscrutando página após página dos registos financeiros da quinta, vasculhando arquivos na esperança de encontrar uma pista. Até bati nas paredes interiores das gavetas da secretária, como se isto fosse um filme, em vez da vida real, e um compartimento secreto se fosse abrir e mostrar-me o que procuro.

O que está a escapar-me?

Preciso de provar que ele é inocente. Não posso deixar que seja este o seu legado.

Enquanto génio do *marketing* do negócio da família, tenho um enorme monte de merda para limpar. É isso que devia fazer neste momento. Plasmar um sorriso vencedor e acalmar os ânimos. Definir um plano para seguir em frente. Tranquilizar a comunicação social, pedir desculpa aos outros membros do ramo e esfregar as costas dos nossos acionistas.

Não vou permitir que o escândalo aqui no rancho se infiltre na confiança de ninguém quanto ao modo como a Gold Rush Resources opera. Sim, são ambos negócios nossos, mas um ganha o dinheiro todo

enquanto o outro continua basicamente a atingir o equilíbrio financeiro. E, no fundo, sei que a única forma de inspirar confiança na empresa de mineração é atirar o meu avô, um dos homens mais importantes e influentes na minha vida, aos proverbiais leões.

Com um suspiro profundo, clico no rato para abrir a minha caixa de entrada.

PEDIDO DE DECLARAÇÃO SOBRE MANIPULAÇÃO DE CORRIDAS

A minha barba emite um som áspero sob os meus dedos enquanto esfrego o rosto. Não quero fazer uma declaração, mas passaram duas semanas. Tenho de parar de me esconder na quinta, a bater com a cabeça na parede.

Há duas semanas, o nosso avô, Dermot Harding, o homem que quase me criou quando todos tinham desistido de mim, morreu de um ataque cardíaco fulminante. Aconteceu aqui mesmo, neste escritório, e, um dia depois, jornais de todo o país expunham o nome da nossa família e a foto dele na primeira página, acompanhados de uma história sobre como fora o cabecilha de um dos maiores escândalos de manipulação de resultados na história das corridas de puros-sangues.

Um maldito desastre, pois claro.

Racionalmente, o homem estava na casa dos oitenta — o que não é uma idade invulgar para morrer. Mas, por alguma razão, a sua súbita perda abalou-me até ao âmago. Talvez a sua morte ainda não me tenha atingido porque a única coisa em que penso é em limpar o seu nome. Foi caluniado — todo o seu legado — e nem está aqui para se defender. É impossível que o homem que praticamente me criou tenha feito isto. Não o consigo conceber.

O meu telemóvel vibra, desviando-me a atenção do *e-mail* enquanto o vejo dançar sobre a superfície da secretária. O nome *Cole* pisca no ecrã, com uma imagem de um soldado de brincar — uma imagem que geralmente me faz sorrir. Mas não hoje. Não estou com disposição para falar com o meu irmão mais velho.

Não tiro os olhos do telemóvel, mas também não me consigo obrigar a atender. Deixo a chamada ir para o correio de voz e, instantes depois de escurecer, o ecrã volta a iluminar-se com outra chamada. O Cole é irredutível, e eu sou demasiado obediente no que à família diz respeito para ignorar duas chamadas consecutivas. Pode haver algum problema.

Primo o botão de atender e levo o telemóvel ao ouvido.

— O que foi?

— Já acabaste de brincar à *Casa na Pradaria*?

Reviro os olhos. O Cole é mesmo cretino.

Todos têm a sua ideia de como eu *devia* agir no rescaldo da morte do meu avô e da exposição do escândalo. O meu irmão. A minha mãe. O conselho de administração.

— Precisas de alguma coisa que não envolva gozares comigo?

— Tens de voltar. Há expetativas, Vaughn — resmunga ele, sabendo que isto não vai correr bem.

Estou acostumado a ser o rosto da empresa, mas desta vez precisam que dê um espetáculo completamente diferente do habitual, e suponho que não estou a cumprir as suas expetativas de um luto comercializável. Querem devastação polvilhada com um laivo de vergonha, e de forma a que todos a possam ver.

E desta vez? Não me convence.

— Sei quais são as expetativas, Cole. Simplesmente estou fora disso.

Oiço-o gemer. Sou a única coisa que não pode eliminar na sua lista de afazeres, e é provável que isso lhe tire o sono à noite. Não está preocupado comigo; apenas lhe interessa manter as coisas limpas e organizadas. Como ele gosta.

— Quanto tempo vai durar esta pequena fase?

O meu maxilar contrai-se enquanto penso na melhor forma de lhe responder.

Deixa-o apreensivo, e a todos os envolvidos, que eu os tenha bloqueado e fugido de Vancouver para os tranquilos montes e vales de Ruby Creek. Não estou em luto solene, a seguir a linha da empresa sobre estar chocado e desiludido e a «reconhecer os meus sentimentos» da forma apropriada. O que aparentemente se faz dando conferências de imprensa, desfilando com uma companhia apropriada, como se eu fosse uma versão pomposa de um acompanhante de luxo, e redigindo um editorial emotivo para os jornais imprimirem.

Infelizmente para eles, eu ainda não estou triste.

Estou zangado. Zangado por o homem que amo acima de quase todos os outros ter morrido sozinho no seu escritório após ter sofrido um golpe tão chocante que o seu coração cedeu.

E essa raiva? Deixa as pessoas em meu redor desconfortáveis, e se algo aprendi nos meus vinte e oito anos neste mundo, foi que a maioria dos seres humanos fará quase tudo para preservar o seu conforto. Segurá-lo-á com os nós dos dedos brancos e as palmas suadas e agarrar-se-á a ele com um desespero absolutamente frenético. Destruindo relações com familiares, suportando casamentos duvidosos, apunhalando amigos pelas costas — o que for. O conforto é rei.

E, por enquanto, pouco me importa como pareço à comunicação social ou como a minha falta de comentários se reflete na empresa. Passei anos a ser o querido deles. Fiz a formação certa e depois deixei que me convencessem a trotar e desfilar por aí como um fino pónei de exposição.

— O tempo que precisar — replico antes de desligar. Estou farto de me desdobrar em esforços para satisfazer os outros. Preciso de algum tempo para *mim*.

Tolerei a companhia de personalidades que não suporto, ri-me de piadas sem graça e convivi com algumas das pessoas mais influentes de Vancouver para cumprir as minhas obrigações para com o negócio da família. Há anos que sou o seu rosto e o solteirão mais pretendido da elite desta cidade. Sem me queixar. Portanto, durante algumas semanas, na minha humilde opinião, podem todos aguentar-se à bronca e lidar comigo a sentir-me irritado.

O mundo não vai parar de girar se eu fizer uma pausa de sorrir. Ou se me distanciar um pouco da Gold Rush Resources para salvar o rancho.

A mera sugestão dessa ideia caiu como uma bomba. O Cole passou-se dos carros. Algo sobre mandar a minha carreira e o meu futuro pelo cano, seguido de vários conselhos sobre como insistir na quinta não é saudável nem produtivo para o *negócio principal*. Segundo o Cole, na esteira do funeral do meu avô, devia concentrar-me no meu emprego e ficar algum tempo com a família. A fazer o *luto*.

Respiro fundo. Teve graça, vindo do homem que se pôs a andar da última vez que a tragédia nos atingiu. E disse-lhe isso mesmo antes de acrescentar que, na realidade, ia tirar uma licença para gerir o rancho. Em seguida, rodei nos calcanhares e saí de rompante dos nossos luxuosos escritórios na baixa.

Vai-te licho, selva de betão.

No mesmo dia, fiz as malas e mudei-me para a quinta do meu avô, reconfortado pela proximidade que aqui sentia. Cheia de memórias felizes da minha infância.

O Gold Rush está na nossa família há gerações. Outrora, o rancho de gado da família da minha avó Ada e agora um dos principais centros de treino de corridas do Oeste do Canadá. Este lugar era o sonho da minha avó — ou pelo menos foi o que o Dermot sempre me disse. Morreu quando eu era pequeno, e as minhas memórias dela não são tão nítidas. Mas sei que foi ela a razão pela qual o meu avô ficou aqui e se focou no rancho enquanto deixava outros gerirem os escritórios da empresa de mineração na baixa. E sei que o amor de ambos podia rivalizar com um conto de fadas.

Assim, só porque o meu irmão e a minha mãe não compreendem o meu apego ao lugar, não quer dizer que não seja verdadeiro. De qualquer modo, nenhum deles me conhece assim tão bem. Nunca tentaram realmente conhecer. Nunca fizeram um esforço por estar lá para mim. Sim, falamos. Mas, a menos que seja sobre a gestão dos negócios da família, é breve e superficial. Só tolero a intromissão da minha mãe porque é a única atenção que recebo dela. O que parece patético — *eu sei* (olá, complexos de abandono!).

Além disso, se o Cole pôde fugir para o exército no rescaldo da morte do nosso pai, eu posso refugiar-me no rancho. É justo.

Não me interessa o que pensa disso. Ao contrário dos outros, não tenho medo dele. A sua atitude imbecil de superioridade moral não me assusta. Nunca estive por perto para cuidar de mim, e não permito que o faça agora.

O meu avô passou décadas a construir o seu império a partir do zero. Devo-lhe isto.

Entre as duas empresas, o seu sangue, suor e lágrimas e um pouco de sorte uniram todo o nosso legado familiar. Nas profundezas do seu luto, o avô Dermot voltou a atenção para o rancho. E, sob a sua gestão, fê-lo conquistar distinções, prestígio e acumular um monte de vitórias. Este lugar é uma ode viva à mulher e ao filho falecidos.

Recordar a história da minha família... Abano a cabeça e estico os braços. *Esse sim*, não é um buraco produtivo em que cair.

A autocomiseração é para os idiotas.

Dando um puxão a cada manga e ajeitando os botões de punho, recosto-me e suspiro fundo. Tenho feito muito isso ultimamente. Grandes suspiros, pesados, desesperançados. O som irrita-me.

Olhando pela janela do escritório, sinto-me... assobrado. Admiro as cercas brancas perfeitamente colocadas em quadrados precisos, sendo cada quadrado o lar de um cavalo. Gosto da organização da configuração. Um objeto disposto numa caixa arrumada. Tão simples e lógico. A simplicidade apazigua-me, e repito para comigo as palavras do meu avô como um mantra.

— Só podes controlar o que está à tua frente, Vaughn.

Céus. Soo como se tivesse lido livros de autoajuda duvidosos. Algo que a minha mãe, abençoada, recomendou. Mesmo antes de se oferecer para me planejar *outro* encontro. Como se casar-me e dar-lhe netos me fosse fazer tão feliz como a faria a ela. É em tudo uma rapariga rica da cidade que se apaixonou por um rapaz do campo, e acho que eu e o Cole nunca soubemos muito bem onde pertencemos. Ama-me, mas não me compreende de todo — nem sequer tenta.

— Bem-intencionada. Mas tão enganada, raios.

— O que disseste, filho? — atira o Hank, ofegante, fazendo-me rodar na cadeira. Está encostado à ombreira a fim de espreitar para o interior, como se quase tivesse passado sem me ouvir.

Preciso de parar de falar sozinho.

— Nada — respondo, de forma mais desdenhosa do que pretendia. Para ser sincero, isso tornou-se a minha norma por estes dias.

— De certeza que estás bem? — É difícil ocultar algo a uns velhos olhos de águia.

— Sim. Vemo-nos às onze. — Tento compensar o tom com um aceno e um sorriso forçado, mas não estou certo de que resulte. Provavelmente, só me faz parecer selvagem. Estou apenas... entorpecido.

O Hank sorri, pisca-me o olho e segue o seu caminho, inabalado pela minha atitude desastrosa. O seu constante bom humor é algo que me ultrapassa. É tão imperturbável que roça o antinatural.

Preciso de um pouco do dele.

A primeira coisa que fiz quando cheguei à quinta foi arrumar a casa. Talvez haja quem diga que a queimei por completo, mas não podia

reconstruir a reputação deste lugar rodeado de gente que não era de confiança ou sequer disposta a fazer vista grossa.

O rancho Gold Rush está sob nova gerência, e isso vem também com um novo código moral.

Assumi como missão localizar e contratar Hank Brandt, o melhor amigo do Dermot quando este se mudou para Ruby Creek, há imensos anos. Alguém que conhecia e amava este vale, mas percebia também de cavalos de corrida. Viria a gerir um dos mais bem-sucedidos programas de corrida e criação da Costa Leste antes de se reformar antecipadamente e se mudar de novo para cá.

Quando o contactei no sentido de deixar essa reforma, estava ansioso por regressar ao local onde tudo começou e, honra lhe seja feita, nem o sucesso decrescente da quinta nas corridas e a sua reputação agora maculada o dissuadiram.

Disse que estava «ansioso pelo desafio» e abriu-me o seu característico sorriso luminoso, como se soubesse algo que eu desconhecia.

Eu e o Hank acordámos uma parceria em que ele tomaria as rédeas, por assim dizer, de todas as tarefas relacionadas com os cavalos, enquanto eu geria o lado comercial das coisas. Combinámos fazer todas as contratações juntos. Queria assegurar-me de que criávamos um ambiente de trabalho favorável aos dois. Não estava pronto para abdicar do controlo do legado do meu avô.

Pelo menos, não até o ter devidamente restaurado.

E é por isso que vamos entrevistar um novo treinador esta manhã. Um tipo qualquer chamado Billy Black, que o Hank conheceu e com quem trabalhou no Leste, e que descreveu entusiasticamente como jovem e vanguardista. Formado no Reino Unido sob a tutela de alguém prestigiado por lá que eu não conhecia e «a transbordar de novas ideias e estratégias», disse ele.

Não me pareceu a opção segura e fiável que gostaria de ter para este caos, mas vou fazer a vontade ao velhote. Uma entrevista nada prejudica, e alguém desconhecido do ramo nesta região pode ser o novo começo de que precisamos.

De que *eu* preciso.

Pela janela da frente do meu escritório, vejo o perfeitamente pavimentado caminho de acesso circular. Logo a seguir, uma fonte dispar

arcos de água diante de uma estátua de bronze do meu pai nas suas sedas de jóquei, equilibrado sobre um cavalo a galope.

Há muitas memórias aqui. Vários lugares para onde a minha mente vaguear, para onde tropeçar e cair em devaneios. Imenso para recordar.

O som de borracha a rodar baixinho sobre o asfalto aderente arranca-me à divagação, o que é bom, porque neste momento não tenho tempo para me permitir tornar-me um pateta sentimental. Vamos entrevistar o novo treinador daqui a vinte minutos, e não preciso de interrupções.

Vejo o *SUV* preto entrar no parque de estacionamento e a frustração arde-me no peito. Não me apetece lidar com pessoas neste momento.

A porta do lado do condutor abre-se e vejo um sapato preto engraçado. Tem bridões entrelaçados no topo, acompanhados por uma longa e esguia perna numas calças formais justas *bordeaux*. O meu olhar sobe por essa perna, assimilando a mulher à medida que sai do veículo. O luminoso sol primaveril brilha quase ofuscantemente sobre a grossa trança castanha que lhe cai pelas costas.

Levantando-se, alisa delicadamente o colarinho da blusa preta antes de levar uma mão à testa e rodar devagar para assimilar a paisagem. Não consigo evitar demorar os olhos no ponto onde a sua cintura se estreita entre as suas curvas.

Um sorriso melancólico toca-lhe os lábios esculturais enquanto fica ali parada, inocente e serena.

Parece uma boneca. E também demasiado convencida. Como se soubesse que está aqui para deitar a mão a Vaughn Harding. Já vi esse olhar mil vezes. Arrivistas sociais no seu elemento. Caçadoras de fortunas prontas para a sua oportunidade. As mulheres olham sempre assim para mim, e perdeu o seu atrativo.

É *linda*. Claro que é; são sempre. Mas esta mulher é atraente de uma forma clássica e salutar — uma mudança de estratégia, ao que parece.

Abano a cabeça, sentindo a frustração borbulhar no meu peito, rápida e furiosa. Estes jogos e farsas são a última coisa de que preciso neste momento. Porque será que ninguém me *ouve*? O meu pavio é curto e estou prestes a explodir.

Não vou sorrir e acenar. Irei enviar uma mensagem. Clara e sonora. Desta vez, a minha mãe foi longe demais.